

**‘Estou me
guardando
para quando o
carnaval chegar’:
tempo, trabalho,
resistência e
sobrevivência
no agreste
pernambucano**

Mariana Rocha Malheiros
PPGICAL / UNILA

‘Estou me guardando para quando o carnaval chegar’: tempo, trabalho, resistência e sobrevivência no agreste pernambucano

Resumo:

Este trabalho propõe um diálogo com o documentário *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (2019), de Marcelo Gomes. A partir da narrativa fílmica, serão abordadas questões envolvendo as transformações do capitalismo de dependência na América Latina, a experiência da indústria na localidade, o tempo dedicado ao trabalho de seus habitantes e as experiências de rebeldia no carnaval. Na primeira parte se apresenta a perspectiva de tempo e trabalho no capitalismo de dependência latino-americano a partir da década de 1970 com a Teoria da Dependência e, posteriormente, como o carnaval pode ser sinônimo de resistência, sendo que o cenário apresentado ainda significa melhorias frente a memória de um período de pobreza, apresentando também esperança de dias melhores, ainda que custem muito tempo e trabalho.

Palavras-chave: Teoria da Dependência; Estou me guardando para quando o carnaval chegar; Pernambuco; Resignação; Rebeldia.

‘Esperando el Carnaval’: tiempo, trabajo, aguante y supervivencia en el agreste pernambucano

Resumen:

Este texto propone un diálogo con el documental *Esperando el Carnaval* (2019), de Marcelo Gomes. Con base en la narrativa fílmica, se abordarán temas que involucran las transformaciones del capitalismo de dependencia en América Latina, desde la experiencia de la industria en la localidad, el tiempo dedicado al trabajo de sus habitantes y las vivencias de rebelión en el carnaval. La primera parte presenta la perspectiva del tiempo y el trabajo en el capitalismo de dependencia latinoamericano desde la década de 1970 con la Teoría de la Dependencia y, después, como el carnaval puede ser sinónimo de aguante, y el escenario presentado aún significa mejoras frente la memoria de un período de pobreza, también mostrando esperanza por días mejores, a pesar de que cuestan mucho tiempo y trabajo.

Palabras clave: Teoría da La Dependencia; Esperando el Carnaval; Pernambuco; Resignación; Rebeldía.

‘Waiting for the Carnival’: time, work, resistance and survival in the Pernambuco´s agreste

Abstract:

This work proposes a dialogue with the documentary *Waiting for the Carnival* (2019) by Marcelo Gomes. From the filmic narrative, issues involving the transformations of dependency capitalism in Latin America will be addressed, with the experience of the industry in the locality, the time dedicated to the work of their inhabitants and the experiences of rebellion at the carnival. The first part presents the perspective of the time and work in Latin American Dependence capitalism from the 1970s onwards with Dependence Theory and, later, how carnival can be synonymous of the resistance, and the scenario presented still mean improvements facing the memory of a period of poverty, also showing hope for better days, even though they cost a lot of time and work.

Keywords: Dependence Theory; Waiting for the Carnival; Pernambuco; Resignation; Rebellion.

CINELATINO A/PRESENTA:

ESPERO TUA (RE)VOLTA

3/09
19:00hr

NO / EN CINE CATARATAS

AUDITÓRIO MARTINA - UNILA JD. UNIVERSITÁRIO

DEBATE após a sessão com CÁTIA CASTRO, EMILLY WITTE, JULIANA MORENO, JULIANA BALESTRA e LUCIANA GB

CINELATINO A/PRESENTA:

HISTÓRIAS QUE NOSSO CINEMA (NÃO) CONTRA

12/06
19:00hr

NO / EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

DEBATE após a sessão com TÍCIA MONTEIRO, ELIANA DEL ROSARIO, WALL ASSIS e o diretor MARCOS PIMENTEL

CINECLUBE CINELATINO NO

I ENCONTRO INTERNACIONAL POESIA E ARTES EM PRISÕES

EXIBIÇÕES NOS DIAS 30 DE OUTUBRO E 1 DE NOVEMBRO

AMÉRICA ARMADA
ALICE LANARI e PEDRO ASBEG
BRASIL, 2018

30/10 • 19H • SALA C208

o processo

Documentário "O Processo" chegou em Foz!
Quinta-feira, às 19h, no Cine JL

Debatadoras:
Michele Dac Teresa Spyer
Camila Vital

Apoio:

Organização: Projeto de extensão "Formação política e cidadania na interface entre TAES, UNILA e comunidade"

CINELATINO A/PRESENTA:

LOS SILENCIOS

12/06
16:00hr

NO / EN EL CINE CATARATAS

AUDITÓRIO MARTINA

DEBATE após a sessão com FABIO RAMALHO, CAMILA VITAL e CAIO AGUIAR

CINELATINO A/PRESENTA:

MEU NOME É DANIEL

19/11
19:00

NO / EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$ 5,00

DEBATE após a sessão com PATRÍCIA QUEIROZ e TÁHIANA COELHO

CINELATINO A/PRESENTA:

A PARTE DO MUNDO QUE ME PERTENCE

04/06
19:00hr

NO / EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

DEBATE após a sessão com TÍCIA MONTEIRO, ELIANA DEL ROSARIO, WALL ASSIS e o diretor MARCOS PIMENTEL

CINELATINO A/PRESENTA:

ESTOU ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR

22/11
19:00hr

NO / EN UNILA - JD UNIVERSITÁRIO

AUDITÓRIO MARTINA

DEBATE após a sessão com FERNANDO PRADO, VICTÓRIA DARLING e MARIANA MALHEIROS

ENTRADA GRATUITA

BARONESA

dirigido por JULIANA ANTUNES

SEGUNDA (24)
às 19h
no CINE CATARATAS

Compras na Bilheteria, terminais de auto atendimento e no site:
www.cinecataratas.com.br

Valor promocional: R\$3,00

CINECLUBE CINELATINO NO

I ENCONTRO INTERNACIONAL POESIA E ARTES EM PRISÕES

EXIBIÇÕES NOS DIAS 30 DE OUTUBRO E 1 DE NOVEMBRO

LUNAS CAUTIVAS
MARCIA PARADISO
ARGENTINA, 2013

01/11 • 18H • SALA C208

1ª MOSTRA DE CINEMA INDÍGENA XAVANTE EM PERSPECTIVA

ENTRADA GRATUITA

Data: 28 e 29 de maio de 2018

Local: Cine Cataratas (sala 3) CATARATAS JL SHOPING

Horário: 21h30

CINELATINO A/PRESENTA:

ROMA

VENCEDOR DE OZAR

24/09
19:00

NO / EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

DEBATE após a sessão com JOAO BARROS, ESTER FER e JOAO R. DA SILVA

CINELATINO A/PRESENTA:

DIVINO AMOR

24/09
19:00

NO / EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

DEBATE após a sessão com JOAO BARROS, ESTER FER e JOAO R. DA SILVA

CINELATINO A/PRESENTA:

ELEIÇÕES

28/05
19:00

NO / EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

DEBATE após a sessão com TEREZA SPYER, RAFAEL LEMOS, MICHELE DACAS e MARIA C. ORTIZ

CINELATINO A/PRESENTA:

NO CORAÇÃO DO MUNDO

29/10
19:00hr

NO / EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

DEBATE após a sessão com TEREZA SPYER, RAFAEL LEMOS, MICHELE DACAS e MARIA C. ORTIZ

JARAGUÁ PRODUÇÕES, PLANO 9 E INQUIETA CONVIDAM PARA

EXIBIÇÃO DO FILME + DEBATE COM DIRETOR, TEREZA SPYER (UNILA) E ESTER MARÇAL (UNILA)

EM NOME DA AMÉRICA

DIA 24/08 - 16H30 - FOZ DO IGUAÇU (PR)

UNILA - CAMPUS JARDIM UNIVERSITÁRIO - AUDITÓRIO MARTINA (SALA 309)

TARQUÍNIO JOSLIN DOS SANTOS, 1000 - JD. UNIVERSITÁRIO - FOZ DO IGUAÇU

A SESSÃO ESTARÁ DENTRO DO PROJETO DE EXTENSÃO CINECLUBE CINELATINO.

CINELATINO A/PRESENTA:

JONAS E O CIRCO SEM LONA

22 OUTUBRO
19:00hr

NO CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

CINELATINO A/PRESENTA:

Café Com Canela

19/03
19:00

NO CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

CINELATINO A/PRESENTA:

O NÓ DO DIABO

20/11
19:00

NO CINE CATARATAS

ENTRADA R\$ 5,00

EXIBIÇÃO E DEBATE SOBRE RACISMO EM HOMENAGEM AO DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

PALESTINA VIVE!!!

13º CICLO DE DEBATE E MOSTRA DE FILME

SÁBADO 1 DE AGOSTO às 19H30 NA UNILA

UNIONAÇÃO CULTURAL DE FOZ DO IGUAÇU 2018

www.yallahyallah.com.ar - PRIMEIRA CO-PRODUÇÃO OFICIAL ENTRE ARGENTINA E PALESTINA - 2018

CINELATINO A/PRESENTA:

MOSTRA XAVANTE

01 E 02 OUTUBRO
19.00 HORAS

NO CINE CATARATAS

EXIBIÇÃO E DEBATE COM MARIO RAMALHO e ELOUIS BIRCHENT

CINELATINO A/PRESENTA:

LOS SILENCIOS

DIA 30/04
19:00

NO/EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

DEBATE após a sessão com FABIO RAMALHO, CAMILA VITAL e CAIO AGUIAR

CINELATINO A/PRESENTA:

BACURAU

24/08
19:00hr

NO/EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

DEBATE após a sessão com FABIO RAMALHO, CAMILA VITAL e CAIO AGUIAR



Introdução

O capitalismo é um sistema econômico em que o capital, nas suas diferentes configurações, é o principal meio de produção, e toma a forma de dinheiro ou crédito para a compra da força de trabalho e materiais necessários à produção, maquinaria ou mesmo a forma de estoque de bens, acabados ou em processo, concentrada nas mãos de um grupo: “Qualquer que seja a sua forma, é a propriedade privada do capital nas mãos de uma classe, a classe dos capitalistas, com a exclusão do restante da população, que constitui a característica básica do capitalismo” (BOTTOMORE *et. al.*, 2012: 75).

A partir da concentração do capital nas mãos de um grupo, cabe ao resto da população, a classe que *sobra* – os/as proletários/as, trabalhadores/as – mecanismos de sobrevivência nesse modelo de produção. Por isso, entre as características do capitalismo, destaca-se a existência de um mercado em que se compra e vende a força de trabalho da classe proletária em troca de salários de dinheiro “por um dado período (salário por tempo) ou por uma tarefa específica (salário por tarefa)” (BOTTOMORE *et. al.*, 2012: 75).

Ou seja, no capitalismo, quem não detém capital (meios de produção) se propõe a vender sua força de trabalho, por um determinado tempo ou para uma tarefa específica, em troca de um pagamento em dinheiro, que se chama salário. Afinal, o corpo e as habilidades desse corpo são também uma mercadoria (BOTTOMORE *et. al.*, 2012). Mesmo a venda de um serviço específico também é um tempo: “Deste modo, o trabalhador participa do mercado não apenas enquanto comprador de mercadorias, mas ainda, e precedentemente, como vendedor da força de trabalho” (SAFFIOTI, 2013: 54). Assim, o capitalismo é um sistema que articula tempo, trabalho, capital e lucro.

E é sobre tempo, trabalho, capital, lucro e resistência que trata o documentário *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*, do diretor e roteirista brasileiro Marcelo Gomes, que estreou no Brasil em julho de 2019. Com 86 minutos de duração, o filme é um convite a refletir sobre os impactos do capitalismo neoliberal na cidade de Toritama, no agreste pernambucano (CAFÉ COM FILME, 2019).

Toritama é conhecida como a capital da produção de jeans no Brasil, produzindo por ano mais de vinte milhões de peças. A pequena cidade não dorme, nem descansa. Não há domingo ou feriado, exceto no carnaval, em que os/as moradores/as, cansados/as, deixam o trabalho e passam quatro dias em praias paradisíacas. Na quarta-feira de cinzas, tudo recomeça (CAFÉ COM FILME, 2019).

A partir dessa premissa, Marcelo Gomes produz um documentário que convida à reflexão sobre o tempo e o capitalismo: por que vendemos o nosso tempo e sustentamos uma lógica perversa às nossas vidas?

Para responder a questão, esse artigo se divide em duas partes: primeiro, uma análise do capitalismo e do tempo, na perspectiva do capitalismo de dependência na América Latina, e, posteriormente, uma reflexão sobre Toritama com seus limites ao capitalismo, refletindo sobre o carnaval na cidade, a aparente aceitação e resignação da população ao modelo de capitalismo neoliberal, tudo isso num diálogo com a proposta do diretor.

São mais provocações e elementos que podem facilitar – ou não – a organização de debates sobre o documentário, as formações de movimentos e organizações sociais, chaves de leitura para quem gosta de bons documentários, e se propõe a refletir como está nossa relação com o capitalismo, o tempo e as resistências.



Tempo e trabalho no capitalismo de dependência latino-americano a partir da década de 1970

É possível apontar três conceitos centrais para pensar o sistema capitalista: 1) a venda da força de trabalho; 2) por um tempo determinado, específico: horas do dia, dias da semana, dias do mês; 3) tem por resultado um salário. “A existência de um mercado e da relação contratual que ele implica está em vivo contraste com relações de trabalho características de fases anteriores como a escravidão ou a servidão” (BOTTOMORE *et. al.*, 2012: 75). O salário, monetário, é necessário não só como permanência da força de trabalho, mas porque ele é também um consumidor da produção capitalista.

Todavia, no cenário latino-americano, outras características moldaram o sistema capitalista e, pensando na proposta do documentário, aqui se propõe abordar duas delas: colonização e relações de trabalho não assalariadas (servidão e escravidão). Conforme afirma Roberta Traspadini: “A terra – dos donatários latifundistas – e o trabalho no campo – do índio e africano (...) dão a tônica das novas dinâmicas de desenvolvimento do capitalismo no continente” (TRASPADINI, 2016: 171).

Para a professora, esse trabalho foi fundamental para o desenvolvimento do capitalismo não só no continente, como também na Europa, que definiu os processos da exploração da força de trabalho e meios de produção na América Latina, impedindo seu protagonismo no direcionamento da produção capitalista, por isso o capitalismo latino-americano é um capitalismo dependente (TRASPADINI, 2016).

O capitalismo de dependência marca a divisão internacional do trabalho (TRASPADINI, 2016) e se configura como “a exploração da periferia pelo centro através da exportação de excedentes surgidos do comércio internacional, o investimento de capitais e a dependência tecnológica” (ROUGIER, 2016: 685).

O dependentismo latino-americano não é um atraso cultural, mas um projeto necessário ao capitalismo, como modo de produção universal (ROUGIER, 2016). Nesse sentido, seguindo os estudos de Traspadini, destacamos aqui os principais elementos do capitalismo em quatro fases na América Latina (TRASPADINI, 2016).

Primeira fase (séculos XV – XVIII): mercantilista – colonial, marcado pelos grandes latifúndios, de monoculturas, num processo planejado externamente para a América Latina: “A origem do processo desigual e combinado engendrado pela consolidação de estruturas sociais internas desiguais, demarcadas pela centralidade dos grandes proprietários de terra, donatários nas colônias, na expansão europeia (...)” (TRASPADINI, 2016: 135).

Segunda fase (séculos XVIII – início do século XIX): processos de independência das colônias e nascimento do capitalismo de dependência. Mesmo com o nascimento dos Estados Nacionais, o fim do tráfico de escravos; da escravidão de negros e indígenas; e da consolidação da soberania formal dos países, as relações de trabalho são refeitas, mas não alteraram as estruturas coloniais do capitalismo na América Latina (TRASPADINI, 2016).

Terceira fase (século XIX e início do século XX): imperialismo e capitalismo dependente. “América Latina seguirá funcional à lógica de produção de valor mundial, sob a tônica da exportação de capitais e da partilha do mundo entre os grandes capitais financeiros e suas potências nacionais sedes” (TRASPADINI, 2016: 135).

Quarta fase (a partir da década de 1970): nova fase do capital imperial, com intensificação do dependentismo. “América Latina, majoritariamente urbana e com trabalho vinculado ao



setor serviços, segue forte como exportadora de matérias-primas e produtos semi-elaborados sob a tônica do capital industrial no campo" (TRASPADINI, 2016: 135).

Toritama é exatamente um dos exemplos das transformações do capitalismo global a partir da década de 1970, e de seus impactos na América Latina. A crise vivenciada pelo capital, nesse período, fez com que houvesse a implementação de um vasto processo de reestruturação produtiva em escala global, mantendo a tônica da divisão internacional do trabalho, e visando a recuperação da expansão capitalista (ANTUNES, 2016).

Por isso, a partir da análise de como as relações de trabalho capitalista se dão na América Latina, é possível entender porque a produção de jeans em Toritama não se dá no modelo em que o Estado protege as relações de trabalho. Ao contrário, a ausência de entrevistas no documentário com as lideranças políticas locais (que ocupam os cargos do Executivo e Legislativo da cidade) pode ser lida como uma manifestação de que o poder político, que regula estes contratos, é indiferente no cenário de Toritama, o que reflete o cenário das relações trabalhistas na América Latina.

Para que essa estrutura como o sistema capitalista sobreviva, é necessária outra estrutura tão grande quanto. "Um Estado forte dotado de poderes de polícia e do monopólio dos meios de violência pode garantir tal arcabouço institucional e sustentá-lo com arranjos constitucionais definidos" (HARVEY, 2014: 79). Assim, o Estado protege a propriedade privada, os contratos e a segurança da *forma - dinheiro* (HARVEY, 2014).

Mas, a partir da reivindicação do proletariado, com a socialdemocracia, o Estado passou a ser não só um agente garantidor do capital, como também regulador das relações entre detentores dos meios de produção (que na Europa era a burguesia) e proletários, estabelecendo limites a favor da classe trabalhadora. "Os Estados socialdemocratas tipicamente procuram conter a exploração excessiva da força de trabalho e favorecem os interesses de classe do trabalho sem abolir o capital" (HARVEY, 2014: 81).

Todavia, no documentário, nenhuma entrevista fala que houve melhorias na cidade e criação de empregos, nos moldes da legislação trabalhista, por intervenções políticas. É como se a Prefeitura ou a Câmara de Vereadores não existisse, e essas ausências no documentário que fala sobre capitalismo neoliberal numa cidade do agreste pernambucano só reafirmam que o capitalismo de dependência na América Latina é ainda mais cruel que o modelo da socialdemocracia que se estabeleceu na Europa, antes de 1970 (HARVEY, 2014). Aos/as trabalhadores/as de Toritama, não há intervenção estatal na garantia de direitos trabalhistas: há somente a relação capital x trabalho, na perspectiva contratual liberal.

Em entrevista ao site Cinema em Cena, o diretor Marcelo Gomes afirmou que "em um primeiro momento eu pensei que aquilo era a Inglaterra da Primeira Revolução Industrial. Parecia que eu tinha voltado 150 anos no tempo, mas depois percebi que aquele cenário segue as leis do neoliberalismo" (ALVES, 2019). Entretanto, se percebe que "na composição geral da produção da mercadoria, o êxodo rural e a pauperização do trabalhador do campo, conformaram uma estrutura urbana completamente distinta do que ocorreu nas economias centrais" (TRASPADINI, 2016: 136).

Na década de 1970, a nova fase do capitalismo a partir do avanço da globalização neoliberal, se caracteriza por uma nova divisão de mercados, desemprego, divisão global do trabalho (ANTUNES, 2016). Nessa nova fase, com a expansão dos mercados e o fim da regulação do Estado, uma cidade como Toritama, com 45.219 habitantes - conforme dados do IBGE (2019) - se inclui no mercado global, sem a intervenção do Estado. Nessa nova fase capitalista, o trabalho de produção recebeu outras características:

Estou me guardando para quando o carnaval chegar

Desenvolveu-se uma estrutura produtiva mais flexível, baseada na deslocalização produtiva, na terceirização do trabalho, dos grupos “semiautônomos”, além de requerer, ao menos no plano discursivo, o “envolvimento participativo” dos trabalhadores, o ‘trabalho polivalente’, ‘multifuncional’, ‘qualificado’, baseado em ‘metas’ e ‘competências’, combinado com uma estrutura mais horizontalizada e integrada entre diversas empresas, inclusive nas terceirizadas (ANTUNES, 2016: 586).

Em Toritama, conforme apresenta o documentário, os/as trabalhadores/as recebem por peças produzidas, numa lógica meritocrática, e a participação no processo de elaboração das peças se dá porque eles/as se consideram os/as donos/as do próprio trabalho, já que não há a hierarquia das relações de trabalho tradicional (um patrão – dono do capital e um/a empregado/a – dono da força de trabalho). As relações são diferentes, o que permite, em tese, a flexibilização da jornada de trabalho.

Mas eles/as deixam expostas as consequências de diminuir o tempo de produção: menos produção, menos dinheiro. “A superexploração da força de trabalho expõe o movimento de gênese originário da economia latino-americana, cuja ideia de liberdade se ancora sobre as bases de uma sobrevivência miserável para a maioria” (TRASPADINI, 2016: 169).

No filme, uma das trabalhadoras, que na cena costurava uma peça de *jeans*, afirmou que: “começo a trabalhar sete horas (...) vou até às sete (da noite), daí volto pra casa, faço a janta, e volto pro trabalho. Às vezes, vou até às dez (da noite)” (ESTOU..., 2019, 18 min). Aliás, a maioria dos/as entrevistados/as conversou com Marcelo Gomes enquanto trabalhava, e por todo o documentário, o som da máquina de costura está presente, lembrando o trabalho contínuo e cansativo ao qual os/as moradores/as estão submetidos/as. E mesmo nas ruas é possível escutar o barulho que vem das casas e fábricas.

Toritama não dorme. Há todo tipo de indústria de *jeans*: grandes empresas, médias, autônomas. Por todo o tempo, as máquinas mostram que a pequena cidade é a responsável pela maior produção de peças *jeans* no Brasil.

“*Time is Money*”, a clássica frase dita por qualquer investidor de *Wall Street*, poderia ser dita por qualquer um/a dos/as trabalhadores/as de Toritama. Não há parques, clubes ou espaços de lazer. “O fim do trabalho escravo, e mesmo o trabalho livre não assalariado anterior, dá substância a uma gênese estrutural que corrobora o sentido formal de uma liberdade condicionada a novas violentas formas de exploração” (TRASPADINI, 2016: 169). Sim, o capitalismo das repúblicas na América Latina trouxe liberdade para os/as que estavam no regime de servidão e/ou escravidão: todos/as são livres para trabalhar na sustentação do sistema.

Cabe ainda especial destaque ao papel das mulheres no documentário. Algumas cenas chamam a atenção: enquanto trabalham com a costura, um grupo de mulheres também cuida de crianças. Em um momento, quando os/as filhos/as choram, rapidamente elas atendem o choro das crianças e retornam à produção. Elas dão conta do trabalho doméstico e ainda produzem em grande escala, como os homens também o fazem. “Em termos dos rendimentos da família como resultado do trabalho de ambos os cônjuges, não cabe falar de competição entre os sexos, nem dos presumíveis efeitos deletérios para os homens da penetração das mulheres no mercado de trabalho” (SAFFIOTI, 2013: 73).

Conforme afirma a socióloga feminista Heleieth Saffioti, o sistema capitalista precisa do trabalho das mulheres, mesmo que tenha reforçado a divisão sexual do trabalho. Ainda, o silenciamento ou a não percepção das mulheres sobre a dupla ou tripla jornada de trabalho a que estão submetidas, reforça o que já se sabe: a invisibilização do trabalho doméstico dentro da produção capitalista (SAFFIOTI, 2013).



Todavia, o cenário trágico para a classe trabalhadora, numa perspectiva global, não é visto com lamentações pela população de Toritama. Chama a atenção, em todas as entrevistas, a alegria dos/as trabalhadores/as que afirmam serem patrões/patroas de si, falando com naturalidade de todos esses processos. Lá, eles/as afirmam com orgulho, “só fica parado quem quiser” (ESTOU..., 2019, 23 min).

Por que esse modelo tão violento sobrevive sem rebeliões ou mesmo críticas? Como eles podem ser tão felizes trabalhando doze ou treze horas por dia, sem folga, num trabalho contínuo, com a mesma rotina? Sutilmente, a partir de imagens e cenas de cultos religiosos, é possível ver no retrato que Marcelo Gomes faz de Toritama a forte presença do neopentecostalismo. Na entrevista ao *Cinema em Cena*, o cineasta afirmou: “Não tem lazer, mas tem doze igrejas evangélicas, que estão lá falando o tempo todo: trabalha, trabalha que Deus te ajuda. O maior prédio da cidade é uma igreja, o prefeito é pastor” (ALVES, 2019).

A religião nas igrejas neopentecostais legítima, culturalmente, esse modelo de relações de trabalho no capitalismo, inclusive as desigualdades sociais a partir da teologia da prosperidade que ensina que “Deus quer que o ser humano seja próspero, considera que este é incapaz de o ser por si próprio, sendo Deus o princípio legitimador da riqueza e do enriquecimento” (SANTOS, 2014: 73).

Todo aquele que trabalha e confia em Deus, segundo a teologia da prosperidade, é abençoado. Mas vale ressaltar que a presença da teologia da prosperidade não é exclusividade das igrejas neopentecostais ou protestantes, dentro do cristianismo: “Alguns autores católicos vêm tecendo elogios ao capitalismo como sendo o sistema que mais dá oportunidades aos pobres” (SANTOS, 2014, .75).

Todavia, culpabilizar somente o neopentecostalismo pela falta de “reação” da população de Toritama é fazer uma leitura simplista e incompleta da realidade apresentada, até porque não há muitos elementos no filme sobre a questão, não há um aprofundamento deste tema. E o próprio Marcelo Gomes reconhece que abordar essa questão, com maior profundidade, exigiria outro documentário (ALVES, 2019).

Toritama, no agreste pernambucano, reflete o capitalismo de dependência na América Latina em sua nova fase: produção industrial com reflexo de manufatura sem grande tecnologia; produtos de pouco valor comercial dentro da produção internacional; divisão internacional do trabalho em que há maior lucro para as multinacionais estrangeiras; pouca presença do Estado e seus serviços; superexploração de trabalhadores(as) para a produção de mercadorias; relações de trabalho precarizadas e justificadas pelo Estado e o mercado; avanço do neopentecostalismo.

Entre o carnaval e a sobrevivência diária

Este ponto do artigo tratará da “resignação” do povo de Toritama no cenário de expansão do neoliberalismo no capitalismo de dependência a que estão submetidos, a partir de dois caminhos: primeiro, o carnaval na perspectiva de Toritama e, depois, o contexto, temporal e geográfico, em que o município está inserido.

O carnaval pode ser visto como a resistência às relações de trabalho no sistema capitalista; e a análise sobre o contexto justifica, em partes, a falta de mobilização num modo de produção tão cruel.

O carnaval como resistência

O ponto alto do documentário é a narrativa do feriado de carnaval em Toritama. Em todos os momentos, o som das máquinas de costura e as ruas sempre cheias, mostrando a compra e venda de roupas *jeans*, dominam o cenário. Mesmo o domingo, marcado pelas religiões como dia sagrado e, tradicionalmente, dia de descanso, é dia de “feira” e muito trabalho.

No entanto, no carnaval, não se vê ninguém pelas ruas. O silêncio domina a cidade. No carnaval, é possível vislumbrar a Toritama da infância do cineasta: pacata, com o “tempo levando mais tempo” para passar. Nesses dias, os/as trabalhadores/as incansáveis da indústria do *jeans* param tudo o que fazem e vão para o litoral, descansar e aproveitar os dias de folga.

Na referida entrevista concedida ao *Cinema em Cena*, Marcelo Gomes afirmou que foi esse fato, característico da cidade, que o motivou a produzir o documentário sobre Toritama: “Na época, achei que essa atitude era alguma transgressão ao capitalismo, um grito de liberdade para, pelo menos uma vez por ano, ter uma diversão” (ALVES, 2019). Ou seja, Toritama é um retrato do capitalismo neoliberal na América Latina, mas também tem suas próprias características, seus próprios caminhos de resistência, e um deles é o carnaval.

É essencialista pensar que há uma compreensão popular de que parar toda a produção, por quatro dias, é uma resistência consciente ao sistema capitalista. Creio que, parar a produção de *jeans* no carnaval, está mais para uma conveniência de datas do que uma escolha proposital sobre o que é o carnaval enquanto maior festa popular realizada no Brasil.

Toritama está localizada no agreste pernambucano, há menos de 40 km de Caruaru, cidade conhecida pela grande feira livre e por ter a maior festa de “São João” do mundo. Tradicionalmente, os festejos juninos são muito importantes para a religiosidade e a cultura nordestina, especialmente no sertão e no agreste. Mas, por que folgar no carnaval e não no mês de junho?

Em 2019, a Prefeitura Municipal de Caruaru divulgou que passaram pelo município cerca de 3,2 milhões de turistas, com mais de 500 apresentações artísticas e festividades diárias. A maior parte dos participantes das festividades não vive na região. São turistas vindos de várias partes do Brasil e do mundo. A festa, que por muito tempo teve um caráter local e religioso, se tornou um negócio lucrativo para a região, e, para a população de Toritama, é a possibilidade de comercializar sua produção nesse período (G1 CARUARU, 2019).

No mundo capitalista, a maior parte das datas comemorativas é uma forma de impulsionar a venda de mercadorias e serviços. Basta assistir noticiários, ou ler jornais e páginas na internet após uma data significativa (Natal, dia das mães, dia dos/as namorados/as), e ver como o sucesso da data é medido pelo lucro obtido com a venda de produtos e serviços no período.

Toritama, inserida no contexto capitalista, também analisa a possibilidade de lucro em determinadas épocas. Por isso, verificando um calendário com tantos feriados religiosos e cívicos em que há grande presença de turistas e visitantes na região para o comércio de *jeans*, a única data que sobra é o carnaval, a festa mais popular em todo o Brasil. Mas, para fins turísticos, alguns lugares são mais conhecidos e popularizados, principalmente no litoral do país. Em Pernambuco, o destaque está no litoral pernambucano, em que o maracatu e o frevo de Recife e Olinda têm repercussão nacional e internacional.

Dada às engrenagens dos eventos capitalistas, em que o dinheiro oriundo da compra e venda de mercadorias e serviços está em outra região do estado, é possível parar o processo de



produção diária de vestuário *jeans* porque não haverá consumidores/as, e assim, descansar e aproveitar a companhia de familiares e amigos/as, em praias paradisíacas.

Na abordagem do documentário, Marcelo Gomes expõe o processo vivenciado pelos moradores de Toritama até a chegada do carnaval: mesmo quem não conseguiu o dinheiro suficiente com a produção de *jeans* procura caminhos para viajar no carnaval: venda de móveis e eletrodomésticos (uma entrevistada diz que, posteriormente, com o trabalho, recupera a geladeira vendida).

A população de Toritama, dependente do capitalismo neoliberal latino-americano, coloca o seu limite para esse sistema: não há, ao menos na abordagem do documentário, reclamações ao trabalho diário de doze ou treze horas; existe orgulho na precarização disfarçada de flexibilidade; mas, a possibilidade de viajar e descansar no carnaval é vista como sagrada, e não se altera naquela população.

No livro *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire diz que “enquanto a violência dos opressores faz dos oprimidos homens proibidos de *ser*, a resposta destes à violência daqueles se encontra infundida do anseio de busca do direito de *ser*” (FREIRE, 2018: 59). Nesse sentido, o trabalho para poder aproveitar o carnaval é uma tentativa de cada habitante da região “*ser*” além da engrenagem capitalista em que Toritama está inserida. “Os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de *ser* mais” (FREIRE, 2018: 72).

Dizer “vou parar” é dizer que há um limite, ainda que não haja uma consciência crítica da violência do sistema, e mesmo a folga da população de Toritama, é moldada na perspectiva capitalista, mas essa escolha consciente pela folga, pelo não trabalhar, mostra que há um limite à exploração do modelo de capitalismo neoliberal, talvez não o que se essencializa enquanto resistência, mas o que é possível, considerando que sobreviver é a prioridade.

Sobrevivência como felicidade

Assim como em 1963 Marcelo Gomes nasceu em Pernambuco (na cidade de Recife), eu nasci, em Caruaru, no ano de 1989. Outro município, outro contexto, mas o mesmo Estado brasileiro.

Vivi até os sete anos em Pernambuco, nas cidades de Belo Jardim, Rio Formoso e Venturosa, todas a menos de 200 km de Toritama. Depois, em 1996, fui com meus pais e irmãs para Guarapuava, no Paraná, Sul do Brasil. Meu pai, na época, era funcionário do Banco do Brasil (BB) e nossa família foi uma das atingidas com as políticas neoliberais do Governo Fernando Henrique Cardoso, que estava reduzindo o funcionalismo público em algumas áreas do país, principalmente no Nordeste brasileiro.

Quando os cortes nas agências do BB começaram, meus pais iniciaram um processo para ficar em Venturosa, sem causar impacto nas nossas vidas, mas uma série de fatores fez com que meu pai aceitasse a transferência. Quem viveu os anos de 1990 sabe que foi uma década difícil para o serviço público no país, com políticas de privatizações e sucateamento dos serviços prestados à população. Meus pais aceitaram a transferência para o sul do Brasil porque tinham três filhas com idade entre três e sete anos. A prioridade, antes do amor à própria terra, era o cuidado e a possibilidade de um futuro melhor para as filhas.

E a história de meu pai e minha mãe é a história de milhares de nordestinos/as que migraram para o “sul”¹, porque todo nordestino/a tem muito orgulho e amor pela própria terra, mas a fome, a seca, o medo de não sobreviver falam mais alto nos corpos dos milhares que migram todos os anos (CASTRO, 1967).

O agreste e o sertão nordestinos que eu vivi na primeira infância eram diferentes dos que foram vividos pelos meus pais. Eu, naquele cenário, tive a garantia de viver com meu pai num emprego público, com salário certo no fim do mês; tanto meu pai quanto a minha mãe tiveram acesso ao ensino superior (mas minha mãe não concluiu) e entendiam como poucos a necessidade do estudo para três meninas pequenas, então, isso sempre foi uma prioridade na nossa família. Eu lembro de mutirões, das campanhas de combate à fome e desnutrição infantil, de histórias do pau de arara² que faziam parte do nosso dia-a-dia mas que não me atingiam diretamente. Era o normal na vida de uma menina na década de 1990 e o normal não nos causa impacto.

Eu posso dizer que fui uma criança feliz porque não precisei me importar com a alimentação e vestuário diários, educação, acesso à saúde. Tive pai, mãe, irmãs, parentes e amigos/as presentes que tornavam aquele mundo que cresci um mundo lindo e que minha memória guarda com muito carinho: desde as fogueiras para “São João” até as brincadeiras por toda a cidade, que transformavam cada terreno baldio numa grande floresta a ser explorada.

Mas, com o tempo, a percepção do lugar em que cresci foi se alterando. Um dia, quando já vivíamos no Paraná (eu tinha onze anos), cheguei em casa com uma tarefa pra aula de História: pesquisar o maior problema do Brasil. Perguntei pra minha mãe e ela me disse que era a fome. Eu fiquei desconfiada. Questionei. Ela me contou histórias que vinham desde o tempo da minha primeira infância e tudo fez sentido. Eu ainda levei muito tempo pra entender o que é privilégio num país em que, no início da década de 2000, 30,1 crianças – a cada mil nascidas vivas – morriam antes dos cinco anos (CYMBALUK, 2018); mas eu senti que, por uma loteria genética, eu era uma privilegiada, sobrevivente.

Por isso, a abordagem nostálgica que Marcelo Gomes tentou colocar no filme me incomodou um pouco. Eu também tenho uma visão crítica e contrária ao capitalismo, principalmente ao modelo neoliberal que invadiu a América Latina na década de 1990 e a forma abordada pelo documentário sobre esse modelo foi feliz ao apresentá-lo como explorador e opressor de “seres” numa pequena cidade do agreste pernambucano.

Mas na obra não há questionamento de fato sobre a felicidade “falsa” do povo. Mesmo com as falas de Léo, habitante da região, e da agricultora que “graças a Deus” não vive do *jeans*. Não quero com isso cair num relativismo cultural sobre a felicidade, ou justificar subjetivamente a felicidade de pessoas, mas há elementos no mundo capitalista, moldados em ideologias e percepções sensíveis, que proporcionam, ao menos por momentos, sensações do que se entende objetivamente no sistema como felicidade: acesso à renda, trabalho com salário, lazer.

Marcelo Gomes também faz essa provocação na entrevista ao *Cinema em Cena*: “Eles trabalham o tempo inteiro e eu me pus a refletir sobre o trabalho de uma forma geral: por que as pessoas trabalham tanto? Para que trabalhar das oito da manhã às dez da noite? (...) Por que o tempo do trabalho ocupa um tempo tão grande”? Em outro momento da mesma entrevista, o cineasta responde: “É puro calvinismo: esforço e recompensa, trabalha que você ganha” (ALVES, 2019).

¹ Nas expressões populares do Nordeste, “sul” não é somente o Sul geográfico brasileiro (formado por Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), mas é todo o Brasil que não compõe o Norte e o Nordeste.

² Pau-de-arara são caminhões adaptados para o transporte de passageiros, sem segurança e conforto. Parte significativa de migrantes do Nordeste viajavam (e viajam) através desse meio de transporte.



Como mencionei anteriormente, creio que é simplista e cômodo, atribuir essa percepção de felicidade somente à presença das igrejas neopentecostais ou da religião em Toritama. O capitalismo, na sua vertente neoliberal, tem outros elementos para sua manutenção sem grandes questionamentos. No caso de Toritama, vejo que três se sobressaem, articulados entre si: a ideia da meritocracia para ascensão social (presente nas igrejas, escolas, meios de comunicação de massa, empresas); a memória ainda viva de um tempo de miséria extrema e a possibilidade de permanência na terra. Esses três elementos ajudam a entender o contexto geográfico e temporal de Toritama.

Primeiro ponto: a meritocracia é necessária para a consolidação do capitalismo neoliberal, como um recurso da burguesia para o convencimento da classe trabalhadora. Paulo Freire levanta essa questão de como há manipulação nesse processo pelos opressores. “A manipulação se faz por toda a série de mitos a que nos referimos. Entre eles, mais este: o modelo que a burguesia faz de si mesma às massas com possibilidade de sua ascensão” (FREIRE, 2018: 198). Por isso, a percepção do trabalho como o caminho para “ser burguês”, ainda que no neoliberalismo não esteja personificada em pessoas físicas, mas grandes indústrias.

No filme não se vê escolas, teatros, espaços culturais. Na referida entrevista, Marcelo Gomes destaca essa questão: “Toritama, nos anos 1980, tinha dois cinemas, duas bandas de música e uma biblioteca. Não tem mais nada disso lá (...). Não tem lazer (...)”. Tudo o que se vê é trabalho, trabalho, trabalho, numa repetição constante – abordado de forma intencional – para lembrar que tudo é trabalho explorado (ALVES, 2019).

No capitalismo neoliberal, tudo precisa funcionar nessa perspectiva: “As elites dominadoras sabem tão bem disto que, em certos níveis seus, até instintivamente, usam todos os meios, mesmo a violência física, para proibir que as massas pensem” (FREIRE, 2018: 201). Por isso, nada que possibilite sair da ideia do trabalho sem cessar, é bem-vinda. Nesse sentido, o personagem Léo e a agricultora, se opondo ao que se vê em Toritama, são *outsiders* na história. Eles conseguem enxergar além, o que também não é garantia de felicidade.

Segundo ponto: a ideia de meritocracia encontra campo fértil para a sua proliferação porque a memória de um passado sofrido, não tão distante, ainda está presente. Josué de Castro, ao narrar as Ligas Camponesas na década de 1950, mostra o Nordeste brasileiro num tempo de miséria extrema. As ligas surgiram a partir da reivindicação dos camponeses pernambucanos do direito a um caixão e um pedaço de terra para se enterrarem. Não era o direito a uma vida ou morte dignas, mas a um enterro decente, uma celebração fúnebre para acolhida de cada um deles no paraíso celeste: “Para os camponeses do Nordeste, a morte é que conta, não a vida (...) Dela, eles nada tiram além do sofrimento, do trabalho estafante e da eterna incerteza do amanhã: da ameaça constante da seca, da polícia, da fome e da doença” (CASTRO, 1967: 24).

O passado recente da classe trabalhadora do Nordeste, especialmente no campo e pequenas cidades, seja no agreste, sertão ou no litoral, é de muito trabalho e muita pobreza: “Escravos ou servos, moradores ou foreiros, que lhes tocara até hoje fora sempre a mesma cota de sacrifícios, de trabalhos forçados, de fome e de miséria: a mesma herança que lhes havia legado a escravidão” (CASTRO, 1967: 25).

Por isso, entendo que faz muito sentido a existência de uma população feliz em Toritama. Todos sabem que, em outros tempos, estavam condenados à morte e que, o capitalismo neoliberal os explora, como sempre foram explorados, mas possibilita, mais do que as outras experiências econômicas, o acesso a bens de consumo e a chance de uma vida melhor. Não se fala mais em morte, mas em vida. Não por acaso, uma das trabalhadoras da indústria de jeans, em uma das

entrevistas sobre o trabalho exaustivo a que está submetida, diz “(vida) ruim é pra quem morre” (ESTOU..., 2019, 21 min). Quem nasce no Nordeste sabe que a vida é exceção, não regra.

Assim, o último ponto que se pretende analisar e que também é interligado aos outros dois pontos anteriores é: a possibilidade de viver na própria terra. A migração pro “sul”, como já mencionei, faz parte da vida do nordestino, principalmente da classe trabalhadora, em busca de trabalho e melhores condições de vida. Josué de Castro, como estudioso do Nordeste e pernambucano de nascimento, afirmou que “nenhum povo do mundo se mostra mais enraizado à terra, mais profundamente ligado ao seu solo natal do que o povo do Nordeste” (CASTRO, 1967: 32). O nordestino vai embora, mas gostaria de ficar.

No documentário, essa ligação fica presente na fala da trabalhadora que diz que, em Toritama, há mais oportunidade do que em São Paulo. A possibilidade de permanecer na terra, de “progredir” sem migrar, de não ter que vivenciar o colonialismo interno que o Sul e o Sudeste impõem ao Nordeste é um motivo de felicidade.

Sim, colonialismo interno que o/a nordestino/a vivência na pele: “Quando há uma forte diferenciação entre os grupos sociais de uma mesma nação também ocorrem relações de colonização” (SILVA, 2017: 47). Ainda, fica evidente que há essa dominação quando um grupo de uma nação, mais próximo da Europa culturalmente ou em descendência, impõe-se sobre outro. No Brasil, os que “herdaram” politicamente a República e os imigrantes europeus do fim do século XIX que se instalaram no Sudeste e Sul do Brasil criaram grupos que se sobrepõem em face de grupos miscigenados e descendentes dos povos indígenas ou africanos que foram escravizados.

Na sessão em que o filme foi exibido e depois debatido, ficou a mostra essa questão. Nos horrorizamos por assistir o povo de Toritama querendo ganhar dinheiro, trabalhando doze horas por dia, mas não nos horrorizamos, por exemplo, com nossos/as professores/as que trabalham nas férias da universidade, nos fins de semana, no carnaval.

Não nos horrorizamos com os supermercados abertos aos fins de semana e com uma precarização de seus/suas funcionários/as porque somos, como povo que está no Sul do Brasil, os “detentores” de progresso e avanço do capital. Por que a costureira de Toritama, que quer ganhar dinheiro para viajar no carnaval, nos incomoda mais que a caixa do supermercado de Foz do Iguaçu que trabalha aos domingos e feriados, com um banco de horas que será liberado pelo seu patrão quando ele quiser?

Primeiro, porque nunca é fácil enxergar nossos próprios problemas diante de um cenário que consideramos inferior. Sim, somos o “Sul Maravilha” e nossa visão do Nordeste ainda é do Nordeste pobre e faminto. Temos uma visão idealista do cumprimento de direitos trabalhistas, ainda que saibamos, na prática, que raramente são cumpridos; e, em segundo lugar, a inclusão de grupos subalternizados dentro do capitalismo neoliberal e multicultural causa estranhamento e incômodo ao grupo dominante.

Não pretendo aprofundar esse ponto porque discutir colonialismo interno no Brasil não é o objetivo do texto, mas quero provocar leitores/as e todos/as que assistiram o documentário para que se questionem: o capitalismo neoliberal, que precariza os/as trabalhadores/as não é uma exclusividade de Toritama. Ele está em toda a América Latina. Por que o filme nos incomoda? Por que nos sensibilizamos com a situação do povo? Pelo trabalho precarizado disfarçado de oportunidade ou porque é absurdo pensar que uma costureira de Toritama trabalha com a mesma lógica do corretor financeiro da Bolsa de Valores para ganhar dinheiro?



Essa é a genialidade do documentário, nos inquietar sobre o capitalismo, fazer com que a gente se identifique com algum personagem, se questione. Sobre isso, Marcelo Gomes afirmou que: “o filme traz mais indagações que respostas. E reflexões, como a questão do tempo, que fazem eco em locais tão distantes como Berlim, no festival, onde as plateias se identificaram muito com o documentário” (ALVES, 2019). Se identificam porque sabem os impactos do capitalismo no próprio corpo, sabem que, para sobreviver no sistema, cada vez temos menos tempo.

Em Toritama, é perceptível que tempo é dinheiro, e o povo lá não esconde isso. Mas, e nós? O que estamos fazendo com o nosso tempo? Será que nós queremos fazer outra coisa além de ganhar dinheiro? Será que o controle sobre o tempo não é a maior subversão interna ao sistema capitalista neoliberal? Não sei, mas acho que a maior parte do povo de Toritama aproveitou o carnaval mais do que eu, que precisei ler artigos e organizar meu cronograma de dissertação. E eu nem sei quando terei quatro dias seguidos em uma praia, sem qualquer compromisso. Eles, por sua vez, já sabem que tem o próximo carnaval.

Considerações finais

Este ensaio se propôs a trazer elementos teóricos e pessoais para dialogar com o filme e provocar discussões sobre a sua proposta em grupos e cineclubes. Cada vez mais o cinema, nacional e internacional, vem produzindo material que nos ajuda a pensar o sistema capitalista. E são bons materiais. Esse filme é um deles.

O sistema capitalista é perverso, cruel, rouba nossas vidas e nosso tempo. Por que trabalhar tanto? Para quatro dias de folia? Sim, o filme mexe conosco. Pra quê trabalhar tanto? Pra ter depressão no domingo a noite e só voltar a sorrir na quinta-feira?

Diariamente vemos os males desse sistema e, mais que na teoria, vivencio na prática os seus impactos. Mas seria desonesto com a história da minha família, e do povo com o qual cresci, simplesmente criticar o sistema e esquecer que houve um contexto favorável para que Toritama “prosperasse” e crescesse economicamente, dentro da inclusão via consumo. O capitalismo – que foi, inicialmente, colonialista; posteriormente, imperialista, e que na década de 1970 se transformou em globalização neoliberal – foi o que empobreceu o Nordeste do Brasil porque o explorou e oprimiu seu povo, mas, numa das suas contradições, também trouxe a chance, mesmo que remota – da inclusão dessa gente na indústria do *jeans*, e conseqüentemente, ser alguém nesse sistema. Para quem não tem nada, uma possibilidade de qualquer coisa é muito.

Aliás, dentro das tantas contradições do capitalismo, creio que uma das mais complexas, na minha visão menos acadêmica e mais militante, é o fato de termos ciência de todos os males que ele traz: rouba nosso tempo, mercantiliza nossos corpos e nos reduz ao “ter”, mas ainda não encontramos um sistema que não nos traumatize para substituí-lo. E o filme nos provoca a pensar que é preciso construir alternativas, mas sempre levando em consideração a realidade local onde construímos nossas lutas diárias.

Outra questão que merece comentário: o documentário foi exibido no Jardim Universitário da UNILA, em Foz do Iguaçu, como atividade do *VII Encuentro de Estudios Sociales desde América Latina y el Caribe*. Um filme sobre o agreste pernambucano num encontro sobre América Latina? Sim, porque é importante reafirmar que essa região, por mais distante que esteja geográfica e culturalmente da América Latina do nosso imaginário, é América Latina, e muitos elementos utilizados nessa análise, propositalmente, foram utilizados para reafirmar: sou pernambucana e latino-americana.

Referências

- ALVES, A. Estou me guardando para quando o carnaval chegar: trabalho e tempo. Entrevista com Marcelo Gomes, 2019. Disponível em: <https://cinemaemcena.com.br/coluna/ler/2449/estou-me-guardando-para-quando-o-carnaval-chegar-trabalho-e-tempo>
- ANTUNES, R. Nova morfologia do trabalho. On: WOLKMER, A. et. al. **Enciclopédia Latino-Americana dos Direitos Humanos**. Blumenau: Edifurb, .. 586 -590, 2016.
- BOTTOMORE, T. et.al. (editor). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- CAFÉ COM FILME. Sinopse do filme “Estou me guardando para quando o carnaval chegar”, 2019. Disponível em <https://www.cafecomfilme.com.br/filmes/estou-me-guardando-para-quando-o-carnaval-chegar>
- CASTRO, J. **Sete palmos de terra e um caixão: ensaios sobre o Nordeste, área explosiva**. São Paulo: Brasiliense, 1967.
- CYMBALUK, F. Mortalidade de crianças no Brasil aumentou após 15 anos de queda no índice. São Paulo, 2018. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2018/05/26/corte-bolsa-familia-vestimento-saude-mortalidade-infantil-estudo.htm>
- ESTOU me guardando para quando o carnaval chegar**. Direção: Marcelo Gomes. Produção: Nara Aragão, João Vieira Jr. Brasil: Vitrine Filmes, 2019. 1 DCP (85 min).
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- G1 CARUARU. São João 2019 de Caruaru: mais de três milhões de pessoas passaram pela festa; veja balanço. 05 de julho de 2019. Disponível em <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/sao-joao/2019/noticia/2019/07/05/sao-joao-2019-de-caruaru-mais-de-3-milhoes-de-pessoas-passaram-pela-festa-veja-balanco.ghtml>
- HARVEY, D. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2014.
- IBGE, 2019. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/toritama/panorama>
- ROUGIER, M. Teoria da Dependência. In: WOLKMER, A. et. al. **Enciclopédia Latino-Americana dos Direitos Humanos**. Blumenau: Edifurb, .. 684 -686, 2016.
- SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- SANTOS, B. **Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2014.
- SILVA, G. Exploração, colonialismo e democracia na América Latina na visão de Pablo Casanova. **Revista Latino-Americana de História**. São Leopoldo: volume 06, número 17, .. 43 -59, jan/jul, 2017.
- TRASPADINI, R. **Questão agrária, imperialismo e dependência na América Latina: a trajetória do MST entre novas-velhas encruzilhadas**. Tese (Doutorado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social) Faculdade em Educação – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 337. 2016.

CINELATINO A/PRESENTA:

MOSTRA AVANTE

02 ENTRADA NO CINE CATARATAS

FRANCA E XIBIÇÃO E DEBATE COM MARIO RAMÃO E CLOVIS BRIGHENTI

TUBRO

19:00 HORAS

CINELATINO A/PRESENTA:

LOS SILENCIOS

DIA 30/04 AS / A LAS 19:00 HORAS

SESSÃO EXTRA NO/EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

CINELATINO A/PRESENTA:

NO CORAÇÃO DO MUNDO

DIA/DIA 29/10 AS / A LAS 19:00HR

NO/EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

CINELATINO A/PRESENTA:

MEU NOME É DANIEL

DIA/DIA 19/11 AS / A LAS 19:00 HORAS

NO/EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$ 5,00

BARONESA

dirigido por JULIANA ANTUNES

SEGUNDA (24) às 19h NO CINE CATARATAS

Compras na Bilheteria, termina de auto cataratas e no site: www.cinecataratas.com.br

Valor promocional: R\$5,00

CINELATINO A/PRESENTA:

A PARTE DO MUNDO QUE ME PERTENCE

DIA / DÍA 04/06 SESSÃO AS / A LAS 19:00hr

NO/EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

CINELATINO A/PRESENTA:

ESTOU ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR

DIA/DIA 22/11 AS / A LAS 19:00HR

NO/EN UNILA - JD UNIVERSITÁRIO: AUDITÓRIO MARTINA

ENTRADA GRATUITA

CINELATINO A/PRESENTA:

ROMA

VENECIA 2018

JARAGUÁ PRODUÇÕES, PLANO 9 E INQUIETA CONVIDAM PARA

EXIBIÇÃO DO FILME + DEBATE COM DIRETOR, TEREZA SPYER (UNILA) E ESTER MARÇAL (UNILA)

EM NOME DA AMÉRICA

DIA 24 / 08 - 16H30 - Foz do Iguaçu (PR)

UNILA - CAMPUS JARDIM UNIVERSITÁRIO - AUDITÓRIO MARTINA (SALA 309)

AV. TARQUÍNIO JOSLIN DOS SANTOS, 1000 - JD. UNIVERSITÁRIO - FOZ DO IGUAÇU

A SESSÃO ESTARÁ DENTRO DO PROJETO DE EXTENSÃO CINECLUBE CINELATINO.

PALESTINA VIVE III

3º CICLO DE DEBATE E MOSTRA DE FILME

SÁBADO 11 DE AGOSTO AS 19H30 NA FUNDACÃO CULTURAL DE FOZ DO IGUAÇU 2018

Yallah! Yallah! Futebol, pãozinho e luta

o processo

Documentário "O Processo" chegou em Foz! Quinta-feira, às 19h, no Cine JL

Debatadoras: Michele De Tereza Spyer, Camille Vitz

Apoio:

CINECLUBE CINELATINO NO

I ENCONTRO INTERNACIONAL POESIA E ARTES EM PRISÕES

EXIBIÇÕES NOS DIAS 30 DE OUTUBRO E 1 DE NOVEMBRO

AMÉRICA ARMADA ALICE LANARI E PEDRO ASBEG BRASIL, 2018

30/10 • 19H • SALA C208

CINECLUBE CINELATINO NO

I ENCONTRO INTERNACIONAL POESIA E ARTES EM PRISÕES

EXIBIÇÕES NOS DIAS 30 DE OUTUBRO E 1 DE NOVEMBRO

LUNAS CAUTIVAS MARCIA PARADISO ARGENTINA, 2013

01/11 • 18H • SALA C208

CINELATINO A/PRESENTA:

Café com Canela

DIA 19/03 AS 19:00 horas

EXIBIÇÃO NO Cine Cataratas

ENTRADA R\$5,00

CINELATINO A/PRESENTA:

HISTÓRIAS QUE NOSSO CINEMA (NÃO) CONTRA

DIA 19/03 AS 19:00 HORAS

NO/EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

CINELATINO A/PRESENTA:

DIVINO AMOR

DIA/DIA 24/09 AS / A LAS 19:00 HORAS

NO/EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

CINELATINO A/PRESENTA:

ELEIÇÕES

DIA/DIA 28/05 AS / A LAS 19:00 horas

NO/EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

CINELATINO A/PRESENTA:

O NÓ DO DIABO

DIA 20/11 AS 19:00 HORAS

ENTRADA R\$ 5,00

NO CINE CATARATAS

CINELATINO A/PRESENTA:

BACURAU

PRÉ-ESTREIA DIA/DIA 24/08 SESSÃO/SESIÃO AS / A LAS 19:00hr

NO/EN CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

CINELATINO A/PRESENTA:

ESPERO TUA (RE)VOLTA

DIA / DÍA 03/09 AS / A LAS 19:00HR

NO/EN AUDITÓRIO MARTINA - UNILA JD. UNIVERSITÁRIO

ENTRADA GRATUITA

CINELATINO A/PRESENTA:

JONAS E O CIRCO SEM LONA

22 OUTUBRO 19:00-HR NO CINE CATARATAS

ENTRADA R\$5,00

CINELATINO A/PRESENTA:

LOS SILENCIOS

DIA / DÍA 12/06 SESSÃO / SESIÃO AS / A LAS 16:00hr

NO/EN EL AUDITÓRIO MARTINA (UNILA - Jardim Universitário)

ENTRADA GRATUITA

1ª MOSTRA DE CINEMA INDÍGENA XAVANTE EM PERSPECTIVA

ENTRADA GRATUITA

Data: 28 e 29 de maio de 2018

Local Cine Cataratas (sala 3) CATARATAS 21. Shopping

Horário: 21h30

Epistemologias do Sul: Pensamento Social e Político em/para/ desde América Latina, Caribe, África e Ásia é um periódico online de publicação semestral do grupo de pesquisa homônimo ligado à Universidade Federal da Integração Latino-Americana em Foz do Iguaçu/PR. Seu objetivo é divulgar estudos e investigações sobre ou desde o pensamento social e político latino-americano, caribenho, africano e asiático, promovendo o diálogo Sul-Sul.

ISSN 2526-7655



ISSN 2526-7655

